

ANTÔNIO TORRES

**“Compreendo a resistência na literatura como uma oposição a tudo o que existe de forma opressora, das regras estabelecidas ao gosto da sua época, das imposições do mercado à caretice. E quando um livro se torna clássico, aí sim, ele venceu a resistência do tempo”.**

Nordestino do Junco, cidadezinha do interior da Bahia e hoje chamada Sátiro Dias, Antônio Torres estreou na literatura em 1972 com o romance *Um cão uivando para lua*. Naquele ano foi considerado autor revelação e de lá para cá já lançou onze romances, alguns contos e crônicas, sendo alguns deles traduzidos para vários países. O reconhecimento da importante contribuição de suas obras para a literatura nacional pode ser medida pela reedição dos seus romances; pelos vários prêmios nacionais e internacionais; pelo título de imortal da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira 23, que já foi de Machado de Assis; pelo sucesso junto ao público comprovado pela agenda cheia de convites para participar de eventos literários que acontecem em pequenas cidades do interior de país e também na Europa e América Latina.

Antônio Torres é escritor singular na nossa literatura e já dava indícios disso quando, na estreia literária, além de inovar e introduzir novas perspectivas em relação a temas e formas narrativas, se posicionou – não apenas como autor, mas também como cidadão – contrariamente ao regime ditatorial vigente no país. A linguagem, o estilo, o aproveitamento estético da realidade, o talento para transfigurar fato em ficção e a universalização do drama

da migração nordestina são marcas de sua escrita, do seu legado, construído com base em uma literatura rica em conteúdo, atemporal e corajosa, como toda boa literatura.

As perguntas que fazem parte desta entrevista são resultado de dois momentos – conversas realizadas nos meses de maio e setembro de 2020, quando fizemos um passeio pelos quase 50 anos de produção literária do escritor, aproveitando a comemoração dos seus 80 anos de idade. Ricas em detalhes históricos, as respostas francas traçam um retrato do Brasil, bem como confirmam o talento natural de contador de histórias do *Chevalier des Arts et des Lettres*.

Entrevista concedida a Vanusia Amorim Pereira dos Santos (professora do Instituto Federal de Alagoas (IFAL); Mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Doutoranda em Letras e Linguísticas pela mesma instituição).

**Vanusia Amorim** – *Torres, o senhor lançou três romances em meio ao regime militar deflagrado no Brasil em 1964 e nunca foi censurado. Foram três livros nos quais apareciam denúncias sobre o momento político da época, mas os órgãos de censura não perceberam isso e os livros foram lançados. Três livros entre 1972 e 1976. Em algum momento o senhor achou que poderia ser censurado? Pensou que os livros poderiam ser apreendidos? Como o senhor percebia isso na época e como percebe hoje?*

**Antônio Torres** – Tinha perfeita consciência dos riscos que corria, pois me sentia um passageiro de um trem estreitamente vigiado, para lembrar o título de um filme da antiga Tchecoslováquia. Tais riscos se tornaram mais evidentes quando, em 1976, um decreto do ministro da Justiça, Armando Falcão, proibiu a circulação e ordenou a retirada imediata das livrarias de três livros nacionais: *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Aracelli, meu amor*, de José Louzeiro, e *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, sob a alegação de que eram atentados à moral e aos bons costumes.

Um ano antes houve uma série de debates no Teatro Casa Grande do Rio de Janeiro, onde aconteceu uma ampla manifestação pública contra a censura – recrudescida após o AI-5, em 1969 –, tendo, às mesas intelectuais, cineastas, teatrólogos, artistas plásticos, professores, escritores. A de literatura foi coordenada por um diplomata cassado pela ditadura militar, o filólogo Antônio Houaiss, e juntou dois paulistas, Loyola e João Antônio, um maranhense, Louzeiro, um cearense, Juarez Barroso, um mineiro, Wander Piroli, e este baiano que vos fala. Rubem Fonseca havia sido convidado. Não aceitou o convite, mas estava lá, sentado na primeira fila, ao lado de Nélide Piñon, eu me recordo. Foi uma noite de casa lotada, discussões acirradas, sob os olhares vigilantes da polícia política, que anotava e gravava tudo.

A repercussão desse encontro na imprensa do eixo Rio-São Paulo nos levou a ser convidados para falar em universidades pelo país adentro e afora, sobretudo Loyola, João Antônio e eu. E assim fomos, de Manaus a Passo Fundo, conscientes de que estávamos todos, de uma maneira ou de outra, na mira dos órgãos de repressão. Em Juiz de Fora, Minas Gerais, num encontro articulado por Wander Piroli, fomos proibidos de falar na UFJF pelo coronel que mandava no campus. Como a proibição virou manchete dos jornais locais, não perdemos a viagem. Professores e estudantes mobilizaram a cidade e tivemos, em vez de um, dois espaços para falarmos, tal foi o interesse do público.

Em Aracaju, fiquei sabendo da proibição de *Um cão uivando para a lua* num colégio, no qual uma professora queria adotá-lo. Ela deu o troco me convidando para um evento numa biblioteca pública que durou três dias. Quando cheguei, lá já estavam Lygia Fagundes Telles, Nélida, Loyola, João Ubaldo Ribeiro e Pedro Bandeira. Nunca me esqueci do efeito de uma frase do Ubaldo: “Sei que posso ser preso ao descer deste palco, mas vou dizer: vivemos numa ditadura”.

Recordo uma noite em Piracicaba, SP, no auditório da UNESP, onde reencontrei a encantadora Lygia, que lá chegara com Edla van Steen, Sábato Magaldi e Wladyr Nader. Na minha vez de falar, alguém na plateia levantou a mão para dizer que o *Essa Terra* havia sido proibido de ser estudado numa escola daquela cidade, por causa de... um palavrão.

Nunca me esqueci também do primeiro convite que recebi da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, feito pelo professor Ivo Barbieri, que veio a ser reitor daquela instituição. Ele mesmo foi me buscar no trabalho, num fim de tarde. Pelo caminho me contou que era grande a expectativa dos estudantes por aquela apresentação, e que a diretora de Letras da UERJ, a professora Dirce Cortes Riedel,

fora questionada pelo coronel que fazia a *segurança* da universidade. Ele queria saber quem se responsabilizava pela minha presença ali, pois, ao que fora informado, eu costumava fazer declarações que não combinavam com o ambiente acadêmico. - Eu me responsabilizo – respondera a professora Dirce, sem abaixar a guarda para o coronel. Com toda a vigilância que sentíamos no ambiente, aquela noite foi memorável. Ou seja, aqui e ali eu sentia que, de alguma maneira, a censura me combatia à sombra.

Como ocorreu numa resenha sobre o já citado *Essa Terra* publicada num semanário de São Paulo com um espaço em branco entre uma frase e outra, num claro sinal de uma tesourada. Sinal, aliás, que me acompanhou até o Salão do Livro de Paris de 1987, já no governo Sarney, quando o Brasil foi o país homenageado. Em meio às especulações de quem seria convidado, toca o telefone. Era a editora Anne-Marie Métaillié, que, ao publicar o *Essa Terra* na França, me abriu uma janela para o mundo. “Nós aqui queremos que você venha, mas o Brasil não quer” – ela disse. Acabei sendo um convidado de última hora, mas por intermédio da embaixada francesa. E isso depois do nosso ministro da Cultura, Celso Furtado, descobrir que eu estava sendo barrado pelo Itamaraty, com base em anotações negativas às minhas posturas no período ditatorial. Então o Celso se insurgiu contra tal restrição, conforme vim a saber, em Paris.

Mas é verdade: acabei escapando de ter qualquer um dos meus livros confiscado. O editor Jiro Takahashi, que ousou lançar o *Essa Terra* pela Ática, de São Paulo, com uma tiragem inicial de 30 (trinta!) mil exemplares, e que depois relançou *Um cão uivando para a lua*, em terceira edição, um dia me disse que isso se deveu à maneira como os escrevi. Foi durante um almoço no Rio, e as palavras dele se volatizaram numa mesa do velho Lamas, no bairro do Flamengo.

Mas a recordação que tenho delas as traz do fundo do tempo para a atualidade de sua percepção, Professora Vanusia Amorim, das minhas estratégias narrativas, o que embasa a sua tese de doutorado, numa proposta tão original quanto oportuna, dado o momento histórico que estamos atravessando, com os fantasmas da ditadura instaurada no país em 1964 nos assombrando, entre o esquecimento de uns e a negação daqueles anos de chumbo – ou até a sua defesa, o que é pior – por outros.

Permita-me mais três lembranças.

A primeira:

Às vésperas da publicação de *Os homens dos pés redondos*, pela Francisco Alves, fui levado pelo seu editor executivo, Virgílio Moretzsohn Moreira, à sala do dono da editora, o almirante (reformado) José Celso Macedo Soares, que, aos sorrisos, me disse:

– O seu romance é muito forte. Algumas de suas passagens podem vir a desagradar aos generais. Mas eu não tenho medo deles não. Afinal, sou um almirante.

A segunda:

No dia 25 de janeiro de 1977, quatro escritores – Hélio Silva, Nélida Piñon, Jefferson Ribeiro de Andrade e Lygia Fagundes Telles – foram a Brasília para entregar ao ministro Armando Falcão um manifesto contra a censura com 1.046 assinaturas. O ministro se recusou a recebê-lo, delegando um inexpressivo oficial de gabinete para fazê-lo. No dia seguinte, porém, todos os jornais brasileiros estamparam em páginas inteiras a ida da comissão, o desencontro dela com o ministro, as declarações dos escritores. E publicaram o manifesto.

A terceira:

Em 29 de julho de 1985, o então ministro da Justiça,

Fernando Lyra, em reconhecimento à luta do Teatro Casa Grande pela liberdade de expressão, escolheu o local para assinar, perante intelectuais e artistas de todo o país, o decreto que pôs fim à censura.

**Vanusia Amorim** – *Gostaria que o senhor falasse um pouco da produção dos três livros* – Um cão uivando para a lua, Os homens dos pés redondos, Essa Terra – *considerando que foram lançados em um intervalo de tempo de cinco anos e em um momento tão conturbado no país.*

**Antônio Torres** – *Um cão uivando para a lua* começa assim: “Passei o dia inteiro subindo e descendo escada”. Levei muito tempo para perceber o que se escondia por trás dessa frase, que simbolicamente expressava a minha vã (até então) luta com as palavras. Ali eu senti que tinha um conto nas mãos, e que seria o de um louco batendo papo com ele mesmo. A partir da terceira página, a narrativa pegou o embalo e oito meses depois cheguei ao ponto final de um romance, que iria ter uma repercussão surpreendente, e cujo título fora inspirado no trompete de Miles Davis, a tocar uma terna balada, *My funny Vallentine*, numa interpretação tão lancinante que me levava a ouvir ao longe os gritos dos torturados. Foi impressionante a recepção daquele livro de estreia, tanto por parte da crítica, quanto do público. Ao ser perguntado ao telefone por Carlos Néelson Coutinho, que não lhe poupava elogios numa revista de circulação nacional, qual tinha sido a minha sensação ao escrever *Um cão uivando para a lua*, respondi-lhe que foi a de haver tirado uma espinha da minha garganta. Ao que ele contrapôs: - Você tirou uma espinha foi da garganta de toda uma geração.

Sinceramente, não contava com reações assim.

Toda a minha trajetória, portanto, viria a ser marcada por essa "feliz estreia", na expressão do pernambucano Aguinaldo Silva, num jornal de São Paulo.

Sobre *Os homens dos pés redondos*:

Esse título me surgiu enquanto eu engraxava os sapatos numa calçada de Lisboa, onde acabara de chegar. Passou-se isto no dia 25 de junho de 1965. Ao observar os homens que iam e vinham pela calçada, todos cabisbaixos, pesadões, tristes, como se dessem voltas em torno de si mesmos, carregando nas costas e na alma o fardo de quatro décadas de totalitarismo – na era do ditador Antônio de Oliveira Salazar –, três séculos de inquisições, dois mil anos de cristianismo, sem ver passar ali ninguém da minha idade, pois os jovens estavam na guerra na África ou haviam fugido Europa adentro, comecei a me perguntar o que tinha ido fazer ali. E de cara me veio a ideia de um romance. Para escrevê-lo, porém, teria que entrar mais na vida daqueles homens, daquela cidade, daquele país. E foi o que eu tentei fazer, nos três anos em que morei em Portugal, de onde voltei com o título e a primeira frase na cabeça: “A julgar por ele, todos aqui são homens sem mulheres, porque as mães de seus filhos não contam”.

De volta ao Brasil, comecei a escrever o romance, que empacou no terceiro capítulo. E só viria a desempacar depois que cheguei ao ponto final de *Um cão uivando para a lua*.

*Essa Terra*:

Numa manhã de um sábado, na praia de Copacabana, um primo meu, Humberto Vieira, me contou a história de um parente nosso que, depois de muitas idas para São Paulo e voltas para o lugar em que nascemos, no sertão da Bahia, havia cometido o "tresloucado gesto" – por enforcamento. A cena que ele me descreveu voltou

com força à minha mente numa tarde em São Paulo, onde eu estava trabalhando numa grande agência de publicidade, que ficava na Avenida Paulista, e não conseguia ter ideia alguma para um anúncio de mais um forno, mais um torno, mais um volks, por causa do barulho das obras do metrô lá embaixo. Então resolvi dar uma espairecida. Desci 12 andares até o bar na galeria daquele mesmo edifício, e de lá passei a observar os operários em seu trabalho, a me perguntar de onde teriam vindo. Isso me levou a me aproximar de um deles. E aí fiquei sabendo que eram todos nordestinos. Como eu. Voltei ao serviço com a imagem do enforcado em mente e me sentindo no centro de um paradoxo: enquanto muitos retirantes pegavam no pesado nas ruas, nas fábricas, na construção civil, eu, com as mãos numa máquina de escrever numa sala refrigerada, tentava vender o que eles produziam a derramar suor por todos os poros. Foi em meio a esse choque de realidades que me veio uma frase: “Se estiver vivo, um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse”. Guardei-a no bolso. No dia seguinte comecei a escrever o *Essa Terra*. O primeiro capítulo saiu num dia. Os demais precisaram de dois anos e meio e me levaram a fazer duas viagens à terra em que nasci, para tentar refazer os passos do enforcado. Só que ninguém me contava nada. Isso me fez transformar a negação dos fatos no fato principal, deduzindo que o sonho daquele lugar era o de partir. Logo, se alguém que partiu, voltou para se matar, matou o sonho do lugar. Foi com esse teorema que o romance se fez.

**Vanusia Amorim** – *Quero fazer referência a uma passagem de Essa Terra, o capítulo X. O senhor lembra como pensou em escrevê-lo e como foi escrevê-lo? É uma passagem muito forte, de tortura. E é feito um trabalho primoroso com a linguagem. Cada palavra parece ter sido esco-*

*lhida cuidadosamente, as repetições muito bem articuladas, a pontuação propositada. Tudo para pintar um quadro do momento terrível que o país atravessava. É uma escrita estratégica, perfeita. Como foi articular na mente e na escrita o capítulo?*

**Antônio Torres** – Sabe que eu não sei? Bati no teclado: “Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram minha cabeça no meio fio da calçada. Berrei.” E fui em frente. Mas me lembro de uma referência a essa passagem feita por Ricardo Ramos (aquele que começou um conto chamado “Herança” assim: “Nunca vi meu pai de camisa esporte”; e sabemos quem era esse pai, tanto quanto sabemos do filho que ele, Ricardo, nos deixou como amigo). Num encontro que tivemos num congresso paulista, em 1979, Ricardo Ramos me disse, num arroubo extraordinário: “O décimo capítulo do *Essa Terra* diz mais sobre São Paulo do que tudo o que já foi escrito sobre a cidade pelos próprios paulistanos”. Como estávamos no bar do hotel onde o congresso se realizava, tudo que me restou a fazer foi chamar o garçom e pedir uma caipirinha.

**Vanusia Amorim** – *Ainda sobre Essa Terra, há muita violência no romance. Uma que chama bastante a minha atenção é a violência patrimonial. Os homens do banco chegam e, chancelados pelo governo e pela igreja, iniciam a tomada das terras dos pequenos agricultores. Havia o sonho da migração, mas houve muito golpe em cima desse sonho, não é mesmo? Essa Terra aborda várias facetas da migração, da fuga em busca de mudança de vida. As violências estão presentes.*

**Antônio Torres** – A realidade de violência daquele tempo – o tempo do romance – talvez fosse menos ameaçada pelo caos do que a que vemos hoje nas comunidades mais pobres, nas ruas, nos gestos e na

linguagem, no cotidiano de todo mundo, até infiltrar-se nos gabinetes federais do ódio, e se espalha pelas redes sociais. É uma violência que tem história, vem desde os primórdios da colonização do país. Tratei das suas origens em dois romances, *Meu querido canibal* e *O nobre sequestrador*. Mais para cá (1968), um verso de *Soy loco por ti América*, música de Gilberto Gil e José Carlos Capinam, veio a traduzir bem essa violência, que grassa e cresce através dos tempos: “Sei que um dia vou morrer/ de susto, bala ou vício”. Uma morte patrocinada pelo poder atual (estamos em 2021), do qual a bancada da bala é aliada.

**Vanusia Amorim** – *Em algum momento o senhor pensou que voltaríamos a discutir regimes ditatoriais, ideias fascistas, censura, e que suas obras seriam exemplo de resistência e base para analisar um passado tão presente?*

**Antônio Torres** – A nossa história tem sido feita de ciclos (ou círculos) que se abrem e se fecham. Mas o que passamos a assistir, na virada da segunda para a terceira década do século 21, é assombroso, em termos de regressão. O momento está preocupante. Pior: de meter medo.

**Vanusia Amorim** – *Torres, afirmo que a sua literatura é uma literatura de resistência, no sentido que Bosi deu à palavra. Como o senhor compreende a resistência na literatura?*

**Antônio Torres** – “A resistência se dá como um processo inerente à escrita”, ensina-nos o mestre Alfredo Bosi. Para ele, a situação do romancista é a de quem dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva, pois “a escrita trabalha não só com a memória das coisas

acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável”. Compreendo a resistência na literatura como uma oposição a tudo o que existe de forma opressora, das regras estabelecidas ao gosto da sua época, das imposições do mercado à caretece. E quando um livro se torna clássico, aí sim, ele venceu a resistência do tempo.

**Vanusia Amorim** – *O jornalismo e a publicidade ajudaram na hora de transformar história em ficção e o cuidado para não ser panfletário? O senhor nunca foi panfletário, pelo contrário, é muito atuante não apenas como escritor, também como cidadão e sua literatura é esteticamente combativa.*

**Antônio Torres** – A roça, a estrada, a cidade, as ruas, o jornalismo, a publicidade, as leituras: eis as minhas escolas. O jornalismo me ensinou a ver o mundo. E a publicidade a contar isso rapidinho. No mais, muito lhe agradeço pelas observações feitas na sequência da sua pergunta. Bom saber que o engajamento na realidade social não comprometeu o meu fazer literário.

**Vanusia Amorim** – *Mestre, sua obra dialoga muito com a música, com figuras históricas e com os escritores clássicos. Em Essa Terra, por exemplo, são feitas referências a Lampião, Antônio Conselheiro, músicas do cancionário popular nordestino. Como o senhor dimensiona a importância desses diálogos com a música, cultura e história para suas obras, para seu legado?*

**Antônio Torres** – Venho de um povo iletrado, mas dono de uma cultura oral riquíssima. Na minha infância, ouvia as proezas de Lampião cantadas e tocadas ao violão por uma vizinha. E as de An-

tônio Conselheiro, por um trabalhador rural que esteve na Guerra de Canudos. Um primo músico me empurrava para os arrasta-pés que ele organizava. Meus diálogos com a música começaram no dia em que ouvi um choro chamado "Delicado" e outro chamado "Brasileirinho", que ainda hoje descem redondissimamente em meus ouvidos. Recordo também as missas cantadas, quando vinha o "Jazz de Inhambupe" (Inhambupe era a cidade-sede do município em que nasci) para tocar benditos no coro da igreja e, depois de muita negociação com o padre, num baile improvisado por uma galera bem animada. Daí para a frente vieram o baião, o bolero, o samba-canção, a bossa nova e tudo o mais. A música me leva à busca da invisível corrente rítmica do texto.

**Vanusia Amorim** – *O senhor fez 80 anos em 2020 e as comemorações no meio literário foram adiadas por conta do contexto pandêmico. Ainda assim, aconteceram homenagens surpresas. Por favor, fale um pouco desses momentos e nos diga: a idade nova ressignificou algumas coisas?*

**Antônio Torres** – Se o contexto pandêmico, por um lado, deixou em suspenso o projeto da Editora Record de fazer do meu novo romance, *Querida Cidade*, o centro das atenções para os meus 80 anos – ou vice-versa –, e toda uma agenda de festivais literários e eventos diversos, inclusive universitários, a começar pela Bahia, por outro não me imobilizou completamente, isso graças ao admirável mundo novo das *lives*. Mas sim, cheguei aos 80 anos a contar ausências, que se repetem dia a dia assombrosamente, levando-me a uma releitura de um solilóquio do protagonista do meu primeiro romance, *Um cão uivando para a Lua*: “A minha memória é uma cova

funda, onde enterrei todos os meus mortos”. No "novo normal" em que passamos a viver, essa cova ficou do tamanho do país, ou seja, tem oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados. À sua beira, nós, os sobreviventes, ressignificamos a palavra presença. Assim como cada instante a ser vivido, com toda a imprevisibilidade do que virá.

**Vanusia Amorim** – *Há previsão de lançamento de um novo romance este ano. Pode falar um pouco sobre o livro?*

**Antônio Torres** – Como já disse, o romance se chama *Querida Cidade*. Levei mais de dez anos para escrevê-lo. Às vezes ficava dias e dias passando um pente fino num mesmo parágrafo, para tirar as lêndas, como as mães da minha infância faziam nas cabeças dos filhos, sobretudo das meninas. Num desses momentos cheguei a me perguntar: “Quem vai se importar com todo esse seu trabalho?” E me respondi: “Ninguém, certamente. Mas eu me importo. E isso é o que me interessa”. *Querida Cidade* estava programado pela Teodolito para ser lançado em Portugal no festival Correntes d’Escritas deste 2021. Mas lá como cá, está tudo em suspenso, ó pá! Que digo mais? Que *Querida Cidade* é meu 12º romance, e nasceu de um sonho, como já havia acontecido com outro, *Um táxi para Viena d’Áustria*. O que ele é? Uma história cheia de histórias.

**Vanusia Amorim** – *O senhor participou como convidado de muitos eventos virtuais – nacionais e internacionais – em 2020 e deverá fazer mais aparições on line em 2021. Como foi essa adaptação do contato direto com os leitores para a interação virtual?*

**Antônio Torres** – O primeiro evento aconteceu no dia 1 de junho de 2020. Foi uma *live* da Universidade do Estado do Mato Grosso com a USP, organizada pela Professora Walnice Vialva, da UNEMAT de Tangará da Serra. Fiquei impressionado com a audiência. De lá para cá continuo me surpreendendo com o interesse despertado por essas atividades virtuais. Quem as definiu bem foi a professora Lícia Soares de Souza, da Universidade do Estado da Bahia: “É como se estivéssemos no palco de um auditório imenso, completamente lotado”. Ponto para o “novo normal”. Que, no entanto, perde para a sinergia do contato direto, sob o calor das presenças à nossa frente.

**Vanusia Amorim** – *Os franceses e os portugueses apreciam bastante seus livros. A imprensa francesa já disse que o senhor é “poeta e pintor de imagens e cores”. Fale um pouco das experiências com as traduções de suas obras. O senhor é traduzido e lido lá fora.*

**Antônio Torres** – Foi a França que me abriu uma janela para o mundo, ao publicar o *Essa Terra*, em 1984, pelas Éditions Métailié, traduzido por Jacques Thiériot, já famoso por causa da sua tradução do *Macunaíma*, e que veio a ganhar o *Grand Prix de Traduction Cultura Latina*, em 1985. Hoje tenho 5 romances publicados lá (mais recentemente, *Meu querido canibal* e *O nobre sequestrador*, muito bem traduzidos pelo professor Dominique Stoenesco), e um conto, “Segundo Negó de Roseno”, numa antologia. A boa recepção que o *Essa Terra* teve da crítica francesa levou-o a ser publicado na Alemanha, onde também foi muito elogiado, assim como quando saiu em língua inglesa (a avaliação que mais encantadoramente desceu em meus ouvidos foi de um crítico de Nova York, em duas palavras, que nem precisam ser traduzidas: “melodic prose”). Portugal, que

empata com a França em número de publicações, só começou a me publicar em 2004, e discretamente. Só vim a ser mais divulgado na imprensa portuguesa quando um muito respeitado editor, Carlos da Veiga Ferreira, da Teodolito, se encantou com a trilogia *Essa Terra/ O cachorro e o Lobo/ Pelo fundo da agulha*, que ele leu por recomendação, e entusiástica, da respeitadíssima escritora Teolinda Gersão. A partir daí (2016), passei a ser convidado para alguns festivais literários portugueses, a começar pelo mais importante deles, o Correntes d'Escritas, de Póvoa de Varzim, o que me deu alguma visibilidade em lusas páginas. Mas a verdade é que em Portugal há um forte estranhamento em relação ao português do Brasil, o que é um complicador da literatura brasileira naquelas bandas. À parte isso, sempre contei lá, no campo universitário, com uma verdadeira embaixadora: a Professora Vania Pinheiro Chaves, da Universidade de Lisboa, incansável estudiosa – e divulgadora – de dois de meus romances, *Os homens dos pés redondos* e *Essa Terra*, sobre os quais tem feito conferências em Portugal, na França, no Brasil – UFRJ, PUC-RS, UEFS – e até na República Tcheca. Bom, isso é mais ou menos o que eu sei. Não tenho notícias se alguma tradução de livro meu foi bem recebida na Croácia, na Turquia, no Paquistão, no Vietnã (onde fui traduzido do francês). Enfim, *la nave va*. Ou ia. Antes da pandemia.

**Vanusia Amorim** – *O que o senhor tem lido? Indicaria alguns livros e escritores fundamentais para compreender o Brasil?*

**Antônio Torres** – Para compreender o Brasil e sua alma escravocrata, podemos começar por *Memórias póstumas de Brás Cubas*, um romance de 1891 que, relançado agora nos Estados Unidos, está fazendo a crítica norte-americana babar nas gravatas, aclamando-o

(gente, isso agora, e no *New York Times*) como “um dos livros mais inteligentes jamais escritos”. E não nos esqueçamos do ciclo nordestino da década de 1930, começando pelo *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Na contemporaneidade, nossa literatura diversificou-se, de forma plural. De Ignácio de Loyola Brandão, com sua trilogia distópica *Zero/ Não verás país nenhum/ Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*, a Itamar Vieira Júnior (*Torto Arado*), estamos bem inseridos nas agendas inclusivas que a atualidade requer.

**Vanusia Amorim** - *O que representam para o senhor Castro Alves, Miles Davis, Alexandre O’Neill e Jorge Amado? É verdade que o senhor queria ser Castro Alves (risos)?*

**Antônio Torres** - A poesia de Castro Alves me encantou à primeira leitura, na escola da minha primeira professora, dona Serafina, que me pôs num palanque a recitá-la, num 7 de setembro (“Auriverde pendão de minha terra/ Que a brisa do Brasil beija e balança/ Estandarte que a luz do sol encerra/ E as promessas divinas da esperança...”). Naquele dia, se alguém perguntasse “menino, o que você vai querer ser quando crescer”, a resposta já estava na ponta da língua: “Castro Alves!” Miles Davis – todos os trompetes havidos e a haver – eu descobri em São Paulo. E a ele fiquei devendo o título *Um cão uivando para a Lua*, inspirado na sua interpretação de uma balada chamada *My funny Vallentine*, como já disse. O poeta Alexandre O’Neill foi o meu tutor literário, nos anos em que morei em Portugal, de 1965 a 1968. E Jorge Amado foi aquele

famoso romancista que na minha estreia literária me chamou de “um senhor escritor”. Eu era leitor dele desde o Ginásio de Alagoinhas (Bahia), mas não o conhecia. Mesmo sem me conhecer, ele passou no lançamento de *Um cão uivando para a Lua* em São Paulo, a caminho da noite de autógrafos de seu livro *Teresa Batista Cansada de Guerra*. Como eu ainda não tinha chegado, Jorge comprou o meu livro e o deixou na livraria, que se comprometeu a enviá-lo ao hotel onde ele estava hospedado, devidamente autografado. Dentro do livro, achei um bilhete, no qual Jorge me dava o seu endereço e telefone em Salvador, para que eu o procurasse, quando lá fosse. Mas o nosso primeiro encontro acabou sendo no Rio, quando passei a ter o privilégio de ser amigo de uma das pessoas mais generosas deste mundo.

**Vanusia Amorim** – *O que o imortal Antônio Torres diria para o menino que lia Castro Alves lá no Junco?*

**Antônio Torres** – Que ainda hoje, quando escrevo, sinto a mão dele sobre a minha, e ouço a sua voz gasguita a declamar um poema que falava das “promessas divinas da esperança”.